

A HISTÓRIA DA PINTURA DA COBRA

Narrador indígena: Guilherme Aruá-Makurap

Entrevistadora: Roseline Mezacasa

Antigamente, diz que tinha uma moça solteira e, um rapaz que gostava dela [...]. O pai dessa moça, pegou ela e levou para o rapaz que gostava dela. A moça não gostava do marido dela, por que o marido dela era preguiçoso não fazia nada só queria fazer relação com ela. Então esse marido ficou bravo com ela. Ele tinha um amigo, amigo fiel, que ele gostava muito. Ele pediu para esse amigo tirar [...] esse leite de caucho e raiz [...] daquela árvore de palmito, que fala que é de sete pernas e uma folha que dava coceira e, ele fez uma mistura doida, que era para fazer coçar. Então ele chegou [...], fez e colocou dentro de uma taboquinha e levou para o marido [...] da moça lá. Então o marido foi e passou na rede onde a menina dormia.

A menina chegou da casa da mãe dela, deitou na rede, uma meia noite a menina já começou a se coçar tudo [...]. Ela tomava banho e não parava a coceira. Então de madrugada ela começou a virar cobra que é jiboia. A mãe dela foi visitar, só que metade dela já tinha virado cobra, por causa da folha lá [...]. Então a mãe dela perguntou se era o marido dela que tinha feito, ela falou que era, porque ela não gostava dele, porque ele não prestava para nada. Então a mãe dela, assim [...] por detrás da maloca tinha uma pocinha [...] Já era de manhã cedo, a menina já tinha virado todo o corpo dela em cobra, a mãe pegou a menina na rede, levou e colocou em uma poça de água. Aí passou o dia todo na poça, lá do lado de trás da maloca, de tarde a mãe pegou ela e

PROJETO DE PESQUISA NAS TRAMAS DA(S) HISTÓRIA(S) INDÍGENA(S): REGISTRO CULTURAL
DOS POVOS INDÍGENAS MAKURAP, WAJURU, DJEOROMITXI, KANOÉ, PAITER–SURUI, KARO-
ARARA – RONDÔNIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE/MINC

levou para o rio, um igarapé bem distante da aldeia, que não era para ninguém saber. Ela foi crescendo, crescendo lá naquele igarapé.

Ela tinha um irmão que andava no mato caçando, saía cedo da maloca e voltava só de noite, ele matou um macaco e queria dar um pedaço para ela, para a irmã dele, só que ela já tinha virado cobra. Ele perguntou para a mãe onde ela tinha ido? E a mãe contou tudo para ele, ele ficou triste. Então, ele andava triste no mato porque ele tinha perdido a única irmã que tinha. Até que andando encontrou jenipapo, foi, tirou e levou lá para a irmã dele pintar ele, lá para *Jiboia*. Ela foi e pintou [...] ela mandou ele mastigar e colocar o sumo na boca dela. Ele fez tudo que ela tinha pedido, então ela mandou ele meter o braço até por aqui assim [...] [na altura do ombro], depois ela mandou ele enfiar o corpo dentro da boca dela, que era para ele sair todo pintadinho. Ele fez! Entrou na boca dela [...] até no ombro se não [...] se ele entrasse tudinho até a cabeça, ele iria ser engolido, então ele fez tudo isso, aí quando ele saiu de dentro da irmã dele, ele saiu todo pintadinho.

A pintura que ela tinha feito era bem bonita. Diz que era pretinha a pintura que ela fez nele. Quando ela terminasse era para ele urinar dentro dela [...], que já estava tudo pronto. Então ele urinou, foi e saiu, quando ele saiu, diz que a pintura estava bem feitinha, bem preta mesmo.

Enquanto isso, diz que tinha festa lá na maloca. No outro dia ele foi para a maloca, diz que com essa pintura, com artesanato, flecha, colar, ele foi todo enfeitado [...] os outros viram e ficaram doidinho perguntando quem tinha feito, quem tinha feito essa pintura, aí ele falou que era ele, porque a irmã falou que não era para ele falar para ninguém que era ela. Porque si não,

PROJETO DE PESQUISA NAS TRAMAS DA(S) HISTÓRIA(S) INDÍGENA(S): REGISTRO CULTURAL
DOS POVOS INDÍGENAS MAKURAP, WAJURU, DJEOROMITXI, KANOÉ, PAITER–SURUI, KARO-
ARARA – RONDÔNIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE/MINC

todos queriam e ela iria matar eles, se fossem lá. Então, até que o marido que fez maldade com ela, chegou e perguntou, então ele falou:

- Eu vou mandar ela fazer uma igualzinha em mim.

Aí o irmão da moça falou:

- Não faz isso que ela vai te engolir. Você não sabe como eu fiz!

Aí lá, o marido dela era tão teimoso que ele foi lá escondido. Mascou [jenipapo] e colocou na boca dela. Quando ele entrou nela, não urinou, então, a cobra o engoliu, enquanto os outros estavam tudo na maloca tomando chicha. No outro dia quando amanheceu o pessoal estava tudo na festa cantando e dançando, aí quando amanheceu sentiram a falta desse rapaz, foram atrás, chegaram lá no igarapé, a cobra não estava mais lá, já tinha saído para outro rio grande, não sei onde fica esse rio! Mas quando chegaram lá só encontraram esse rapaz morto que ela tinha vomitado, e saiu para o pessoal não matar ela. A mãe ficou na maloca chorando pois a filha dela ia morrer, mas ela não morreu não. [...] Antes do pessoal chegar lá, ela já tinha fugido e eles matavam tantas cobrinhas achando que era ela, mais ela já era maior, já era mais conhecida e, as outras cobrinhas que morriam no lugar dela, ela viveu nesses ramos daí [...] desses rios aí afora.